

Cem Anos de Respostas às “Diversas Questões” de Lanson

*Original: Cent ans de réponses aux “Questions diverses” de Lanson
by Geneviève Artigas-Menant**

*Traduzido por Francisco De Fátima Da Silva
Revisão técnica de Leandro de Araújo Sardeiro*

recebido: 01/2013
aprovado: 03/2013

Resumo: *A invenção dos manuscritos filosóficos clandestinos por Gustave Lanson em 1912 é incontestavelmente um dos elementos mais marcantes da pesquisa sobre o século XVIII na França. Para compreender a importância dessa descoberta e o grito de vitória que hoje ela proporciona, é preciso considerar sua lenta penetração na cultura universitária e a amplitude dos resultados da investigação lançada há cem anos. Com um título modesto, « Questions diverses sur l’histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750 (Diversas questões sobre a história do espírito filosófico na França antes de 1750) », Lanson lançou um projeto, deu as pistas e elaborou um método. Em 1938 surgiu a notável síntese com a qual Ira O. Wade aplica ao pé da letra o programa lançado por seu predecessor. Em 1969 foi lançada a primeira de uma série de edições que se multiplicariam desde então num ritmo cada vez mais rápido. Em 1980, Olivier Bloch organiza o primeiro colóquio internacional de síntese sobre o fenômeno descoberto por Lanson. No mundo inteiro, investigação em bibliotecas, trabalhos, encontros, publicações não param de confirmar, de forma espectacular, a precisão das intuições de Lanson e a fertilidade do filão clandestino. Esse sucesso mundial foi acompanhado inevitavelmente de problemas de definição e de interpretação do corpus.*

Palavras-chave: *Anticristianismo, Corpus clandestino, Espírito crítico, Manuscrito filosófico, Século das Luzes.*

Abstract: *The invention of the clandestine philosophical manuscripts by Gustave Lanson in 1912 is, undoubtedly, one of the most important points of the scientific research on eighteenth*

* Centro de estudos da Língua e da Literatura francesas dos séculos XVII e XVIII, CELLF 17-18, UMR 8599 du CNRS Paris-Sorbonne. em@il: menant@u-pec.fr

century in France. To understand the importance of this discovery, and the victory it represents to-day, one must measure the slowness of its penetration in the university culture as well as the broadness of the results of the very search launched a hundred years ago. Under a modest title, « Questions diverses sur l’histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750 », Lanson prepared a project, giving the means and the method. In 1938 is published a remarkable synthetic work by Ira O. Wade, who sticks to the program of his predecessor. In 1969 is published the first of numerous editions which develop more and more on an intensive rythm. In 1980 Olivier Bloch organizes the fist synthetic congress on the whole phenomenon discovered by Lanson. Since then, all over the world, quests in libraries, papers, meetings, publications confirm Lanson’s intuitions as well as the fertility of the clandestine lode. This international success is inevitably accompanied by acute problems of definition and of interpretation of the corpus.

Keywords: Antichristianism, Clandestine corpus, Critical spirit, Philosophical manuscript, Enlightenment century.

A existência de manuscritos filosóficos clandestinos é hoje um fato na história literária e na história das ideias que ninguém mais ignora, pelo menos entre os especialistas dos séculos XVII e XVIII. Talvez esta constatação lapidar surpreenda o leitor de 2012. Para compreender o aspecto científico, é preciso voltar exatamente um século atrás e remontar ao artigo fundador de Gustave Lanson, publicado em 1912, em forma de folhetim, em duas edições sucessivas da *Revue d’Histoire Littéraire de la France*¹. Com um título para lá de modesto: « Questions diverses sur l’histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750 [*Diversas questões sobre a história do espírito filosófico na França antes de 1750*] », ele abala as certezas estabelecidas ao longo do século XIX, segundo as quais « o desenvolvimento da incredulidade radical e violenta só se dá depois de 1750 ». Tendo « razões para crer que isso é um equívoco, ou pelo menos uma interpretação inexata dos fatos », Lanson não profere novas certezas. Na introdução do artigo, ele expressa um desejo:

Deixar-me-ia contente se alguns eruditos adotassem a ideia dos trabalhos a fazer, e se, seguindo as pistas que tenho o prazer de mostrar, quisessem dar algumas contribuições

precisas para uma história tão mal elucidada ainda no meio intelectual e moral que se apoderou dela e que em grande parte determinou os grandes escritores da literatura francesa do século XVIII².

Ele afirma conseguir « menos resultados do que os indícios de algumas pesquisas », « menos respostas do que as dúvidas e sugestões »:

Seria querer que um estudo exato dos inúmeros manuscritos filosóficos do século XVIII que as bibliotecas dos departamentos possuem completasse as informações ainda insuficientes que me tornasse mais rápida a pesquisa nas bibliotecas de Paris.

Seria bom também que se notasse, ao deparar com os escritos controversos e apologéticos, as menções que se faz dos manuscritos ímpios, e as datas dessas menções.

Seria bom que se fizesse uma lista das cópias preservadas, ao tentar estabelecer a época de sua elaboração, ou da do original do qual elas derivam e que nos desse, por meio de uma pesquisa o mais completa possível, o meio de conjecturar, depois de inúmeras cópias, a possível difusão das ideias³.

Modelo de epistemologia, seu artigo não é apenas uma exortação à pesquisa sobre uma área totalmente nova que acaba de ser inaugurada; não se contenta em formular questões, dá pistas e apresenta o método:

A maioria das obras das quais falarei já são conhecidas. Mas nós as consideramos isoladamente, sem agrupá-las, sem observar o movimento que elas fazem. E nós as olhamos nas publicações incompletas e tardias. São os manuscritos, em seu estado original, que são interessantes⁴.

É sem dúvida o elemento mais importante de sua descoberta. Não se trata de *minora*, de obras isoladas « de segunda e terceira ordem »⁵ mas de um « movimento » organizado, coerente e organizado, que é preciso estudar como tal.

Para entender a importância da descoberta de Lanson de um lado, e de outro sua influência sobre « *L'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750* [*A história do espírito*

filosófico na França antes de 1750] » tal como fazemos hoje, algumas observações são necessárias⁶. Passaram-se vinte anos entre o artigo de Gustave Lanson e o livro pioneiro do alemão Rudolf Brummer sobre o Iluminismo francês, consagrado às publicações de Naigeon⁷. Quanto a primeira síntese sobre o assunto, tal como o programa lançado por Lanson, só apareceu em 1938, nos Estados Unidos, sob a pena de Ira O. Wade⁸. Infelizmente nunca foi traduzida para o francês. É por conta do título, *The Clandestine Organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*, que a definimos como « clandestina » dentro do nosso *corpus*. Somente trinta anos depois, foi que Alain Niderst publicou, sob a direção de Antoine Adam, a primeira edição científica francesa de um manuscrito filosófico clandestino, *L'Âme matérielle*⁹. Foi preciso esperar 1970 para que aparecesse o início do *Mémoire des pensées et des sentiments de Jean Meslier* no primeiro volume de suas *Œuvres*¹⁰, fruto da colaboração do historiador da filosofia Jean Deprun, do historiador da literatura Roland Desné e do historiador Albert Soboul. No mesmo ano, Roland Mortier publica a edição de *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche* até então anônima¹¹. O primeiro colóquio internacional de síntese sobre nosso tema, organizado na Universidade de Paris I por Olivier Bloch, só ocorreu em 1980¹². Somente em 1984 que aparece a tese de Marie-Hélène Cotoni, primeira grande tese francesa que coloca os manuscritos filosóficos clandestinos ao lado de autores consagrados¹³. Seria preciso esperar 1990 para que esse acontecimento memorável se renovasse graças a Antony McKenna¹⁴. Vale lembrar que o primeiro capítulo de história literária a tratar de manuscritos filosóficos clandestinos data também de 1990¹⁵ e que o primeiro verbete « Manuscrits philosophiques clandestins » de dicionário data de 1994¹⁶.

Vê-se que tudo isso é muito lento, mas um movimento se esboça claramente e é exatamente para aumentar e acelerar o conhecimento sobre o fenômeno descrito por Lanson em 1912 que foi criado, em 1992, *La Lettre clandestine*¹⁷, « agente de ligação, de difusão e de promoção ». O título do editorial do primeiro número esboça uma ambição modesta: « *Connaître et faire connaître la littérature philosophique clandestine de l'Âge classique* ». Mas na época foi uma verdadeira aposta pois nos encontrávamos numa

situação paradoxal. Tratava-se de um dos setores da pesquisa « mais interessantes e inovadores em matéria de história das ideias na época clássica »¹⁸, mas também um dos menos conhecidos, ou melhor, um dos mais ignorados. A aposta foi ganha e por 20 anos *La Lettre clandestine* não parou de crescer e o número de leitores, de aumentar. Qual o balanço global que podemos tentar fazer rapidamente hoje a partir dos 20 números daquilo que, de um boletim artesanal de 43 páginas, se tornou uma revista de mais de 80 páginas, o observatório dos trabalhos que se multiplicaram pelo mundo sobre os clandestinos dos tempos Modernos? Examinaremos o *corpus*, os problemas metodológicos que ele suscita, as pesquisas que ele possibilita, as consequências que provoca na interpretação do século XVIII.

Uma constatação se impõe ao longo dos anos e para a surpresa de todos, mesmo os mais convencidos desde o início, o filão descoberto por Lanson em 1912, ampliado por Wade em 1938, se não for inesgotável, pelo menos, está longe de ser esgotado. Seu principal continuador, Miguel Benítez¹⁹, não para, desde de 1982, de aumentar a lista de cópias manuscritas de tratados já conhecidos. Em menor escala, ele amplia paralelamente a lista de títulos de novos manuscritos suscetíveis de entrar no campo descoberto e definido por Lanson, manuscritos que se pertencentes ao *corpus* a ser verificado serão classificados como « provisórios »²⁰. Esta segunda lista, de alguma forma probatória, permitirá confirmar ou anular as novas descobertas. De 1992 a 1996, graças não apenas à sua eficaz colaboração mas também a de um grande número de correspondentes, *La Lettre clandestine* efetuou acréscimos consideráveis a cada ano. São, em cinco anos, mais de 120 novas cópias de tratados já conhecidos e 50 novos títulos provisórios que foram levados em conta por Miguel Benítez em *La Face cachée des Lumières* em 1996. Sete anos mais tarde, em 2003, na versão espanhola dessa bela obra, 50 novas cópias aparecem e cinco novos títulos provisórios. Desde então, nos números 12 a 20, de 2003 a 2012, *La Lettre clandestine* classifica ainda cerca de 60 exemplares até então desconhecidos e quase outro tanto de novos títulos provisórios. Os números falam por si só; a regularidade das descobertas sobre o meio termo e as variações anuais, também.

Estamos diante de um *corpus* em plena expansão de um ponto de vista absolutamente indiscutível, isto é, do ponto de vista do crescimento em números de cópias de tratados já classificados (portanto, não provisórios). O melhor meio de verificar a autenticidade e a importância da descoberta de Gustave Lanson é, na verdade, analisar quantitativamente a difusão dos tratados que ele apresentou em 1912. Algumas sondagens bastam para se constatar, primeiro, que todos os casos assinalados por Lanson são confirmados pela descoberta de pelo menos um novo exemplar. O manuscrito menos representativo em 1912, *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche*, do qual Lanson enumera três exemplares, uma cópia integral (Mazarine 1163) e dois excertos (Mazarine 1192, 1197), aumenta com um novo excerto em 1938 no recenseamento de Wade²¹ e, em 1992, com uma cópia integral descoberta por François Moureau em Munique²². Num outro extremo, foi encontrado em 1912 o *Ciel ouvert à tous les hommes* de Pierre Cuppé, o exemplo mais claro da hipótese de Lanson, com suas 13 cópias. Em 1938, ele mantém o *status* com 29 cópias; em 1996, Miguel Benítez conta 39 e, em 2003, 41, o que confirma a grande difusão. Mas ele perdeu o primeiro lugar em termos de quantidade e dois manuscritos estão agora na lista dos mais importantes por conta de seu aumento exponencial. Enumera-se, na verdade, agora cerca de 200 cópias do *Traité des trois imposteurs*²³, do qual Lanson menciona cinco cópias e Wade, 28. Quanto ao *Examen de la religion*, são conhecidas mais de 70 cópias²⁴. Enquanto Lanson menciona 11, Wade, 38. Por fim, cumpre ressaltar o aumento constante do *Mémoire* de Meslier, do qual dez manuscritos eram conhecidos em 1912 (cinco em versão integral, cinco, simplificadas), 19 em 1938 (dez excertos, nove completos) e 35 hoje, em 2012, 12 integrais, 23 simplificados. Esses números constituem um indicador seguro sobre a divulgação dos tratados em geral, mas muitos outros fatores devem ser levados em consideração e uma análise suscitaria muito mais comentários. Limitar-mo-emos aqui a mostrar que o aumento em termos numéricos do *corpus* só pode ser avaliado num período suficientemente longo. Na verdade, de um ano para o outro, a variação das descobertas de novas cópias não significa absolutamente que a fonte clandestina secou, mas que depende

exclusivamente da conjuntura. Basta que um ou mais pesquisadores visitem no mesmo ano um ou mais novos campos até então não inventariados para que os números saltem. Em 1993, por exemplo, um pesquisador finlandês, Timo Kaitaro²⁵, apresenta no número 2 de *La Lettre clandestine* cinco manuscritos isolados e dez novas coletâneas, somando assim 45 peças²⁶ das quais 11 já estão classificadas no *corpus* clandestino e 34, provisórios. Ao frequentar o seminário de Olivier Bloch sobre a literatura filosófica clandestina em 1991 e 1992, constatou que nenhuma biblioteca finlandesa aparecia nas listas de manuscritos clandestinos. De volta à Finlândia, descobre logo esse tesouro na única biblioteca universitária de Helsinque. Em 1998, *La Lettre clandestine* anuncia 15 novas cópias de manuscritos já classificados. Dez são fruto de duas investigações pontuais, uma numa biblioteca universitária dos Estados Unidos, outra no acervo de um arquivo do subúrbio de Moscou²⁷. Em 2007, *La Lettre clandestine* exhibe, ao lado de 20 títulos provisórios a serem verificados, 26 novas cópias das quais oito apenas estão conservadas nas bibliotecas parisienses já registradas e 18 são achados de Miguel Benítez por conta de suas investigações na Itália, na Romênia, na Hungria, e em Portugal. Não é por acaso que esse aumento do *corpus*, de forma progressiva e espetacular, é um indício sério a ser considerado de forma metódica pelas diversas investigações. O recuo permite agora afirmar que não há um único acervo de manuscritos antigos no mundo para o qual, podemos estar certo de não encontrar um manuscrito filosófico clandestino e a experiência permite afirmar que não há biblioteca pública já devidamente inventariada, por mais famosa e visitada que seja, que não possa esconder novos manuscritos. Essa certeza se confirma pela análise do mercado de manuscritos clandestinos que Alain Mothu fiscaliza atenciosamente e descreve anualmente em *La Lettre clandestine*²⁸. Na verdade, não incluí nos cálculos anteriores os títulos apresentados nos catálogos de livrarias ou de leilões por causa da incerteza de sua destinação, mas é preciso levar em conta sua existência para ter uma ideia geral da importância do *corpus* e de seu movimento. As consequências científicas do crescimento fenomenal de um objeto de estudo que era ignorado há cem anos são inúmeras.

Limitar-me-ei a analisar as mais importantes, ou pelo menos as mais perceptíveis, e a visualizar os problemas metodológicos que daí resultam. Primeiro, o *corpus* só aumenta, muda aos poucos e de várias maneiras. Há uma manifestação natural desta metamorfose que estava em gestação desde o artigo fundador de 1912, pois uma mudança, imperceptível mas inegável, do conteúdo geral deve necessariamente ocorrer uma vez que um novo manuscrito é adicionado ao grupo constituído. Ora, ao lançar as pesquisas, Lanson sugeriu encontrar não apenas novas cópias dos tratados que ele analisou, mas sobretudo outros títulos de manuscritos da mesma família, que sem isso, não seria nada consistente, e Ira O. Wade, já dissemos, inaugurou de forma exemplar o programa de seu predecessor. Já insisti sobre a dificuldade desta tarefa e sobre o carácter aleatório, que não soubemos mensurar, creio eu. Não se pode esquecer que não existe nenhuma definição preestabelecida de um manuscrito filosófico clandestino, que não corresponde a um gênero literário e não entra em nenhuma classificação bibliográfica. Então, é preciso, ao mesmo tempo, intuição e cautela, até mesmo desconfiança, para fazer as investigações necessárias, e antes de tudo se proteger do zelo dos neófitos. Um bom conhecimento do contexto intelectual, dos usos da leitura e da escrita, das tendências do comércio livreiro, dos preconceitos sociais, das condições econômicas, mostra que nem tudo que é manuscrito, anônimo, reproduzido em várias cópias é clandestino. Mas inversamente é preciso saber evitar as armadilhas dos títulos que enganam e aprender a lição de Lanson:

Às vezes, por mais que houvesse garantia, a obra ímpia se dissimulava nas bibliotecas ou no pacote do vendedor ambulante com um título edificador; e se um curioso via na capa de um *in-folio* as palavras: *Existence de la foi chrétienne*, ou se, ao abrir, ele lêsse na primeira página desse título: *Motifs pressants pour exciter la foi des chrétiens et pour leur en faire fréquemment produire des actes*, não duvidaria que ao tomar conhecimento, tivesse encontrado uma das críticas mais virulentas contra a religião que já foi feita neste século²⁹.

Ao aplicar o método empírico que ele próprio seguiu, « folhear » os catálogos dos manuscritos das bibliotecas, « examinar » os manuscritos para verificar, se se pode dizer, o caráter subversivo, arriscamos errar. A presença numa coletânea de vários manuscritos já classificados como pertencendo à tradição clandestina é um bom índice de conformidade, da mesma que a descoberta de uma nova cópia desse novo título, isolado ou, a fortiori, ela própria presente numa coletânea de mesma natureza³⁰. Contudo a unidade do corpus e sua definição continuam uma preocupação dominante. Desde 1996, as « jornadas clandestinas », jornadas de estudo organizadas na Universidade de Paris 12-Val de Marne (hoje UPEC) e publicadas em *La Lettre clandestine*, são sobre os problemas metodológicos ligados à constituição do *corpus*, à sua delimitação, aos seus critérios. Ocasionalmente sucessivas respostas às questões levantadas por Lanson, historiadores da literatura e da filosofia, das ideias e das mentalidades, do livro e da leitura colaboraram de forma regular para as investigações sobre as condições materiais, comerciais, históricas, jurídicas da difusão de nossos textos e oito dossiers, até então, vêm esclarecendo esse campo³¹. A modificação do *corpus*, primeiramente espontânea e inevitável, como vimos, acentua-se com o aumento constante, desejável e pesquisado desse *corpus*. Assim algumas mudanças notáveis foram feitas nos primeiros dez anos. A investigação cada vez mais ampliada geograficamente fez progredir consideravelmente as versões em língua estrangeira de manuscritos franceses já repertoriados, os manuscritos latinos, os manuscritos de autores estrangeiros, por outro lado, vale lembrar que elas eram exceções no artigo de Lanson e que eram ainda raras, para Ira O. Wade, nas obras do século XVI³². Em compensação, de 1982 a 1996, Miguel Benítez fez figurar em suas listas inúmeros manuscritos de autores estrangeiros, bem como manuscritos latinos de autores franceses e estrangeiros³³. Desde então, a tendência é cada vez maior e um exemplo basta para ilustrar as modificações em cadeia que produziram o crescimento geográfico³⁴. Dentre os nove títulos estrangeiros, todos ingleses, da lista de manuscritos filosóficos clandestinos publicados por Ira O. Wade em 1938 figuram duas cópias integrais e duas versões simplificadas do *Discours sur les miracles de Jésus-Christ*, tradução de seis *Discourses on the miracles of our Saviour* (1727-

1729) de Thomas Woolston (1669-1733). Uma outra versão simplificada, mantida na Biblioteca nacional, teria chamado a atenção de Lanson e fazia parte de dois títulos estrangeiros, mais precisamente ingleses, que ele levou em consideração³⁵. Esta dupla exceção se justificava implicitamente pela influência já conhecida dos deístas ingleses, ou pretendidos como tais, sobre as Luzes francesas³⁶. Em Wade, a presença do *Discours* se explica pela contaminação. Na verdade, as versões simplificadas que ele apresenta aparecem nas coletâneas. Uma, na coletânea de manuscritos 1199 da Biblioteca Mazarine, é relacionada com dois manuscritos filosóficos clandestinos já conhecidos, o *Examen de la religion* em 15 capítulos e o excerto do *Examen critique des apologistes de la religion chrétienne*, sob um título que engana: *De l'examen de la religion*³⁷. A outra pode ser encontrada juntamente com o *Examen de la religion en quinze chapitres* numa compilação que pertenceu a Voltaire, mantido em São Petersburgo. Os cinco exemplares assim repertoriados de 1912 a 1938, quer sejam integrais ou simplificadas, eram todos franceses. O comentário de Lanson sobre o manuscrito da Biblioteca nacional, « É uma versão simplificada; o original foi publicado em Londres em 1727-1728 », pode nos levar a pensar num espécie de naturalização francesa pela dupla manipulação que constituem a tradução e a versão simplificada. Em 1993, Timo Kaitaro introduziu um elemento novo com a tradução alemã que ele descobriu na biblioteca de Helsinque: *Discours, über die Wunderwerke Unsers Leylandes [...]*³⁸. Em 2003, Miguel Benítez acrescenta à complexidade do *corpus* uma tradução italiana descoberta em Veneza, *Discorso di Woolston[...]*³⁹. Estamos assim diante de um caso de evolução, talvez de mudança, do *status* do manuscrito, que se tornou muito mais difícil de definir do que em 1912. Poder-se-ia citar muitas outras descobertas de novas traduções, ou de novos textos estrangeiros, todos interessantes por si só, que mudam os dados do problema e suscitam uma série de novas interrogações, confirmando e reforçando assim uma questão antiga e latente, a da definição do *corpus*. Esquece-se com facilidade, diante desse crescimento, prova positiva da vitalidade da pesquisa internacional, que o ponto de partida da descoberta de Gustave Lanson era o projeto de escrever « a história do movimento filosófico na França no século XVIII »⁴⁰

por um evidente pragmatismo científico, pelo fato de ensinar literatura francesa e os documentos à sua disposição serem franceses. Ora é necessário, mesmo se for para descartá-la, voltar à origem, pelo menos para mantê-la na memória. Tanto que as descobertas, na França e no exterior, se limitavam a novas cópias de manuscritos franceses, ou a novos manuscritos franceses o que nos leva a pensar que sejam da mesma família, contribui-se sem dúvida com o trabalho lançado por Lanson. A partir do momento em que os títulos e os textos estrangeiros aumentam, é preciso perguntar de qual movimento, ou de quais movimentos se trata. Ao procurar respostas para as « questões » colocadas por Lanson em 1912, surge uma nova problemática. É preciso aprofundar a questão das influências mútuas no seio do pensamento europeu, questão já estudada mas que sempre volta à tona, matizada, enriquecida, como veremos.

Na verdade, não creio que se possa economizar nessa questão, sob o risco de não mais saber o que se procura e nem o que encontra. Para tentar respondê-la, podemos retomar o exemplo dos *Discours* de Woolston. Em 2012, ficamos sabemos de quatro traduções francesas integrais, quatro simplificadas⁴¹, uma alemã, uma italiana, sem esquecer a tradução integral francesa publicada em 1769⁴². Trabalhos de pesquisa já foram feitos com relação à exploração de Woolston pela crítica antireligiosa francesa desde a publicação de seu *Discourses on the miracles of our Saviour* de 1727 a 1729⁴³. Marie-Hélène Cotoni denunciou a utilização, até mesmo parcial, que se fazia dos « excertos que resumem apenas as críticas formuladas contra o absurdo do sentido literal [dos milagres], deixando escapar as interpretações alegóricas » essenciais em Woolston para quem elas são a inspiração⁴⁴. Não apenas as aproximações que ela faz dos discursos de Woolston com os inúmeros manuscritos clandestinos contendo críticas aos milagres e às profecias são eloquentes, mas também os vários exemplos encontrados no *Examen de la religion*, que, não esqueçamos, estão lado a lado com os excertos do *Discours* nas duas compilações, na biblioteca Mazarine, e na biblioteca de Voltaire em São Petersburgo. De outro lado, ela retoma e desenvolve o estudo das fontes dos manuscritos de Madame Du Châtelet⁴⁵ conhecido pelo nome de *Examen [critique] de la Genèse*

*et du Nouveau Testament*⁴⁶ que Ira O. Wade fazia em *Voltaire and madame Du Châtelet*, confirmando sua filiação indiscutível com o *Discours*. William H. Trapnell desenvolve por sua vez a tese da manipulação deísta, talvez ingênua em certos autores mas inteligentemente coordenada em Voltaire e em torno dele, teorias excêntricas do teólogo anglicano, rebelde mas fiel⁴⁷. Ele mostra como a reputação de deísmo, que os inimigos ingleses de Woolston lhe impõem para comprometê-lo, favoreceu a acolhida que seus discursos tiveram na França em que tomamos, ou desejamos tomar, por ironia o que era apenas, de acordo com ele, entusiasmo polêmico dissidente. Todos esses trabalhos convergentes contribuem para provar que as traduções francesas dos discursos de Woolston, feitas num espírito de recuperação filosófica, fazem parte indiscutivelmente do *corpus* francês de manuscritos clandestinos. Sua análise detalhada do excerto mantido em São Petersburgo suscita argumentos complementares⁴⁸. Esse manuscrito se destaca por uma « composição » tal « que passamos às vezes da tradução de Woolston ao comentário do tradutor e vice versa, sem que o leitor seja advertido disso, a ponto de ser preciso recorrer a um confronto com o original inglês para diferenciá-los »⁴⁹. Numa demonstração bastante convincente, William Trapnell utiliza as aproximações precisas efetuadas por Wade e retomadas por Marie-Hélène Cotoni, entre o *Discours* de Woolston e o *Examens* da Bible por Madame Du Châtelet, para provar que a tradução comentada que constitui o excerto de São Petersburgo é também obra sua⁵⁰. Esse novo elemento que permite atribuir ao mesmo autor francês dois manuscritos inspirados por uma fonte comum suscita uma justificativa suplementar e determinante da integração dos *Discours* ao *corpus* descoberto por Lanson, isto é, que nós não descartamos do objetivo inicial: « a história do movimento filosófico na França no século XVIII ». Pode-se até mesmo dizer que essa história dá um salto adiante com a contribuição de William Trapnell para o estudo das fontes inglesas. Mas ao mesmo tempo se coloca de maneira mais aguda a questão das influências diversas, seu movimento, da unidade ou da pluralidade do Iluminismo.

Na verdade com as traduções isoladas numa terceira língua, como a tradução italiana e a tradução alemã do *Discours* inglês de Woolston, surgem interrogações imediatas às quais não é possível

responder de forma abstrata, por conta da distância, mas que podemos pelo menos colocar, e que levam a fornecer respostas mais precisas às questões colocadas por Lanson. As primeiras tem a ver com a identidade do manuscrito e provêm da prática do « Inventário dos manuscritos filosóficos clandestinos »⁵¹. Mas é preciso procurar mais exatamente indicações que se referem ao tradutor, à língua de origem. Para retornar ao exemplo do *Discours*, é possível saber se são traduzidas do original inglês ou da tradução francesa, integral ou simplificada, ou ainda de uma outra língua? Outras questões tem a ver com a história do manuscrito. É possível saber a data e as condições de aquisição, compra, legado, migração (de uma biblioteca para outra, de uma cidade para outra, de um país para outro)? A tradução é na língua do país em que o manuscrito se encontra? É o caso da tradução italiana do *Discours* de Woolston, descoberta em Veneza. Não é o caso da tradução alemã descoberta em Helsinki, mas é possível encontrar uma explicação para a sua presença na Finlândia. Na verdade, tal como coloca Timo Kaitaro⁵² ela provém de uma doação russa de 1832, e muito provavelmente faz parte da biblioteca do barão Johan Albrecht von Korff (1697-1766), diplomata russo de origem alemã. Outras questões, por fim, têm a ver, na medida do possível, com o conteúdo e o contexto filosófico. Não se trata de uma análise aprofundada, mas de indícios sobre o parentesco ideológico eventual entre o manuscrito e a coletânea, a coleção ou o acervo no qual ele se encontra. Por exemplo, sabendo que o inglês Thomas Woolston tem reputação de deísta, mesmo sendo discutível, observaremos que a tradução alemã de seu *Discours* está na mesma coletânea que os dois manuscritos em francês tirados do irlandês panteísta John Toland e então estenderemos o questionamento em torno da coletânea⁵³.

Vemos que a exceção do princípio, o método no questionamento, o discernimento na investigação são balaustres sólidos na constituição do *corpus* face ao que Olivier Bloch chamou de a « mundialização crescente de nossas pesquisas » num aspecto da epistemologia que constitui ao mesmo tempo um balanço intransigente e um programa encorajador das pesquisas convocadas pelo artigo retumbante de Lanson⁵⁴. A multiplicação dos debates, encontros, colóquios, seminários, das edições impressas e eletrônicas é acompanhada pelo crescimento considerável da

bibliografia internacional. Pode-se temer que como reação as leituras se restrinjam, principalmente ao mundo anglófono. Certamente a obra de Wade, lida no mundo inteiro em inglês, divulgou mundialmente a descoberta de Lanson mas o artigo fundamental dessa última é uma fonte que não se pode esquecer. Como acabamos de demonstrar, Lanson inicia uma enquete aberta, sem fronteiras, que ele deseja ser a mais ampla possível, a partir do que estiver à sua disposição, os catálogos de manuscritos franceses. Esse impulso está na origem da formidável investigação internacional da qual acabamos de ver alguns efeitos. Um desses efeitos é o capítulo « os manuscritos filosóficos clandestinos » da obra do historiador americano Jonathan Israel, *Radical Enlightenment*⁵⁵ cujo título retoma a ideia fundadora de Lanson. Essa obra de síntese é sem dúvida uma contribuição para a história das Luzes na Europa e de sua influência « sobre o plano mundial ». Ele apresenta, em particular, o interesse em demonstrar por sua vez « a importância das Luzes » « para a compreensão do progresso do mundo moderno ». O autor tem razão em afirmar que é preciso « nos emancipar da tendência funesta que consiste colocar », as Luzes, « numa camisa de força da “história nacional” », mas para estudar o Iluminismo « como um todo », como já dizia Lanson, não é preciso partir daquilo que se pode apreender melhor? Se é chegada a hora de ir mais longe, como acabamos de ver com o simples exemplo, eminentemente revelador, do *Discours* de Woolston, é preciso lembrar que, num contexto mais limitado, Lanson já dizia em 1912:

Representa-se geralmente o movimento filosófico como um fogo que durante muito ficou incubado, lançando alguns clarões intermitentes, até meados de 1750, e que de repente eclodiu num violento incêndio[...]. Tenho razão para acreditar que haja aí um equívoco, ou pelo menos uma interpretação inexata dos fatos.[...] Encontra-se, desde o fim do século XVII e nos primeiros anos do século XVIII, negações altivas, *radicais*, veementes, injuriosas, negações disfarçadas de erudição e sustentadas pela ciência ou pela metafísica, que contrariam todo o aparelho dogmático, histórico e filosófico sobre o qual o cristianismo se apóia⁵⁶.

A relativização, numa soma na visada mundial sobre as Luzes, do fenômeno dos manuscritos filosóficos clandestinos, dos quais Jonathan Israel reconheceu a extrema complexidade, só faz sublinhar a importância das questões de fundo que se colocam ainda hoje, em 2012.

O historiador forma o quadro dos 22 « principais » manuscritos de acordo com sua importância quantitativa, que ele avalia a partir do número de cópias que até então foram reencontradas (em ordem decrescente de duzentas a oito)⁵⁷. Uma tal hierarquização aritmética está sujeita a variação, como vimos, posto que o balanço é sempre provisório, tanto que ele é fundamentado pelo acréscimo de cópias de naturezas diversas (integrais, simplificadas, cópias de impressões, traduções). Pergunta-se por que o *Ciel ouvert à tous les hommes* de Pierre Cuppé (41 cópias) não aparece lá. A questão que se coloca é saber também se podemos incluir no mesmo cálculo as versões integrais e os excertos, por exemplo no caso do *Mémoire de Meslier*. Sem se deter nesta questão essencial, Jonathan Israel distingue dois grandes grupos. O primeiro, rapidamente colocado de lado, seria composto de quatro categorias « fundamentalmente marginais com relação ao núcleo filosófico do Iluminismo radical, se bem que é possível sustentar que elas pertencem ao movimento no sentido mais amplo »⁵⁸. O segundo grupo seria constituído das duas principais categorias, « as mais importantes numericamente », cuja « importância » e « os laços que elas mantém uma com a outra » « provam irrefutavelmente » que « o núcleo intelectual do Iluminismo radical » era dotado de um alto grau de coerência e era, em sua essência, de origem francesa, holandesa e alemã. A primeira dessas duas categorias, « principais » porque « radicais », é constituída seja por « escritos abertamente espinosianos »⁵⁹ seja pelas « obras que se inspiram nas obras de Spinoza »⁶⁰. A segunda categoria principal é representada pelos escritos que « se caracterizam por suas profundas afinidades filosóficas com o primeiro grupo »⁶¹. Esses textos « não contêm nenhum empréstimo direto a Spinoza, não o invocam e não fazem explicitamente uso da doutrina da substância única », mas constituem um « grupo de aliados próximos » que « engloba quase o mesmo *corpus* de doutrinas que a primeira »

categoria principal. Jonathan Israel atribui esse « alto grau de convergência intelectual » à « influência onipresente de Fontenelle, Boulainvilliers, Du Marsais, Fréret e Lévesque de Burigny ». O mérito desta tentativa de classificação teórica é colocar ordem num *corpus* até então considerado como heteróclito. As identificações por sistemas filosóficos sempre deram lugar a debates difíceis de serem resolvidos em razão da própria natureza dos textos. A riqueza infinita da cópia manuscrita faz com que não se saiba jamais o que se esconde sob um título. O melhor exemplo disso é sem dúvida o *Examen de la religion* com o qual o leitor, que se tornou copista ou autor por sua vez, pôde enumerar as variações: « Quanto ao fundo das coisas, vi esse escrito tender tanto para o deísmo, quanto para o ateísmo, até mesmo para o ceticismo »⁶².

O caso do manuscrito de Robert Challe intitulado *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche* é diferente mas é significativo, ele também, da complexidade do *corpus*. Jonathan Israel o classifica num grupo de tratados « à margem do Iluminismo radical, até mesmo inteiramente exteriores a ele ». Seu argumento é que: « rejeitando o cristianismo, Challe se propõe a atacar os espinosianos, em que ele vê “espíritos fortes extravagantes e de opinião, escravos da vaidade de parecer espirituais e sutis” »⁶³. A citação foi tirada, não da versão integral mas de uma versão simplificada intitulada *Système de religion purement naturelle adressé au Père Malebranche* mantido na Biblioteca Mazarine em uma compilação de nove peças manuscritas⁶⁴. Na versão integral, Robert Challe dirige o ataque aos ateus e não aos espinosianos⁶⁵. Ora, se é verdadeiro que Challe critica o ateísmo, é para melhor fustigar as religiões reveladas. Ele diz claramente: « há pouco ateus e não haverá nenhum desde que haja uma religião judiciosa contra a qual as mais puras luzes da razão não se revoltam e que não será uma armadilha para prender os homens para jogá-los nas masmorras com um punhado de perversos que zombam dela »⁶⁶. Se ele vacila na passagem para o ateísmo é para melhor estigmatizar a Escritura « cheia de contradições », « a Encarnação, a Trindade », os milagres, os mistérios, a ressurreição, « o estilo do Novo Testamento », etc.; é para melhor proclamar « que a religião revelada e a “superstição” são uma única e a mesma coisa »; é para melhor denunciar a religião instituída « como um instrumento de

controle social e político»⁶⁷. A revolta violenta, diríamos com prazer « radical », de Challe contra o cristianismo, é muito mais argumentada ao longo de quatro cadernos (eles próprios divididos em seções e artigos) sobre a *Difficultés sur la religion* que no mais esquemático *Système de religion purement naturelle* com seus 88 artigos numerados. Vê-se a questão da distinção entre as versões manuscritas integrais e as versões manuscritas simplificadas, sobre a qual insistiu Lanson desde 1912, é uma verdadeira questão que perdura e que não se pode deixar de lado.

Mas a maleabilidade, característica essencial e riqueza incomparável do manuscrito filosófico clandestino, não é a única causa dos desacordos sobre a etiqueta filosófica a ser colocada num tratado. Constatar que Jonathan Israel não mantém o *Mémoire des pensées et sentiments de Jean Meslier* como representativo do Iluminismo radical, apesar de suas trinta e cinco cópias e seu quarto lugar na lista que ele estabeleceu, nos surpreende a princípio. A violência do fundo e da forma desse tratado materialista e ateu nos habituou, na verdade, a fazer dele o porta-bandeira do radicalismo clandestino. Mas sabe-se que sobre seu espinosismo as opiniões variaram desde que Lanson escreveu: « toda a parte metafísica do *Testament* é um curso de espinosismo, tal como se podia fazer entre 1700 e 1730 ». Paul Vernière matiza essa afirmação e os grandes editores das obras completas de Meslier a refutam: « não foi no sentido próprio do termo um espinosiano »⁶⁸. Entende-se então porque Jonathan Israel o exclui de seu campo, sabendo que de acordo com ele: « Espinosa e o espinosismo constituíam, na verdade, a armadura intelectual do Iluminismo radical em toda a Europa ». Portanto, a quem melhor se aplica a definição de Meslier de que o historiador contribui um pouco mais com o Iluminismo que « se agarra às raízes da cultura europeia tradicional, questionando a crença no sagrado, a magia, a monarquia e a organização hierárquica da sociedade » ?⁶⁹ Vemos que, nas páginas que ele consagra aos manuscritos filosóficos clandestinos, Jonathan Israel faz involuntariamente ressaltar as dificuldades da classificação de um *corpus* tentacular em que as múltiplas influências se cruzam num cosmopolitismo intelectual matizado.

Antes de concluir, é preciso dizer algo sobre a consequência para o progresso inesperado do movimento científico nascido das

descobertas e das interrogações de Lanson: a vulgarização⁷⁰. Há alguns anos, alguns de nossos objetos de estudo, o *Traité des trois imposteurs* e o padre Meslier principalmente, se tornaram objetos de curiosidade popular. As edições sumárias, as lendas simplistas divertem a crônica. O padre Meslier por si só inspirou, em 2006 e 2007, um filme para a televisão, um romance, uma peça de teatro, na França, na Alemanha e na Inglaterra.

Esse interesse público, muito inesperado, vem das simplificações que não devem mascarar a dificuldade das questões pendentes, daí a necessidade de lembrar regularmente um certo número de princípios científicos. Nosso domínio é complexo e instável, é sua natureza, ela não mudará. As pesquisas evoluem, os conhecimentos progridem, certas dificuldades são vencidas, outras permanecem e outras ainda surgem. O número sempre crescente de cópias descobertas torna difícil o estudo e a edição dos textos, mas os progressos da disponibilização dos documentos facilitam as coisas. Textos dispersos, de acesso difícil, podem ser consultados nas publicações eletrônicas de Gianluca Mori⁷¹. Outros estão acessíveis em livraria num ritmo rápido na coleção « libre pensée et littérature clandestine » dirigido por Antony McKenna nas edições Honoré Champion. Após cerca de vinte anos, a atividade de edição dos clandestinos passou por uma importante evolução internacional, por exemplo na Alemanha, no Japão em que um grupo ativo executa um programa ambicioso, na Itália, se tornou depois de um longo tempo um centro de intensas pesquisas nesse domínio. Todos esses trabalhos indispensáveis e as mudanças que eles provocam mostram pouco a pouco respostas para as « questões diversas » de Lanson. A pesquisa atual tende em particular a esclarecer a importância e a natureza do leitorado dos manuscritos filosóficos clandestinos. Ela procura precisar as relações que existem entre essas obras obscuras e as mais ilustres representantes do pensamento do Iluminismo. Ela pretende ressaltar a contribuição de nosso *corpus* para a criação de uma prosa científica moderna. Ela explora enfim as contribuições nacionais na constituição de um pensamento crítico europeu. Mais vivo que nunca, o estudo dos manuscritos filosóficos clandestinos, tal como inventado, num

artigo profético, por Gustave Lanson em 1912, continua no cruzamento de todas as ciências humanas.

BIBLIOGRAFIA

- ÂME matérielle (L') [anonyme], Alain Niderst éd., Rouen, Presses de l'Université de Rouen, 1969 ; 2^{ème} éd. revue et complétée, Paris, Honoré Champion, 2003.
- ARTIGAS-MENANT, Geneviève, chapitre II « Naissance des Lumières » dans *Précis de Littérature française du XVIII^e siècle*, sous la direction de Robert Mauzi, Paris, PUF, 1990, p. 23-42.
- _____. article « Manuscrits philosophiques clandestins » dans *Dictionnaire universel des Littératures*, sous la direction de Béatrice Didier, Paris, PUF, 1994, t. II, p. 2226-2227.
- _____. Un nouveau fonds moscovite, *La Lettre clandestine*, n°7, 1998, p. 159-166.
- _____. *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*, Paris, Honoré Champion, 2001.
- _____. *Lumières clandestines. Les papiers de Thomas Pichon*, Paris, Honoré Champion, 2001.
- _____. « Difficultés de poche. Challe contaminé ou “chef de parti”? », dans *Robert Challe : sources et héritages*, études réunies et présentées par J. Cormier, J. Herman, P. Pelckmans, Louvain- Paris-Dudley, MA, Peeters, 2003, p. 279-289.
- _____. « Variations manuscrites clandestines », dans *Séries et variations*, Paris, PUPS, 2010, p. 161-171.
- BENÍTEZ, Miguel, « Liste et localisation des traités clandestins », dans O. Bloch (dir.), *Le Matérialisme du XVIII^e siècle et la littérature clandestine*, Paris, 1982, p. 17-25.
- _____. « Matériaux pour un inventaire des manuscrits philosophiques clandestins des XVII^e et XVIII^e siècles », *Rivista di storia della filosofia* 43, 1988, p. 501-531.
- _____. *La Face cachée des Lumières*, Paris, Universitas ; Oxford, Voltaire Foundation, 1996.
- _____. *La Cara oculta de las Luces*, Valencia, Biblioteca valenciana, colección ideas, 2003.
- BLOCH, Olivier (dir.), *Le Matérialisme du XVIII^e siècle et la littérature clandestine*, Paris, Vrin, 1982.
- _____. éditorial, *La Lettre clandestine*, n° 16, 2008, p. 7-9.
- BRUMMER, Rudolf, *Studien zur französischen Aufklärungsliteratur im Anschluss an J. A. Naigeon*, Sprache und Kultur der germanisch-romanischen Völker, C. Romanistische Reihe, Bd XI, Breslau, 1932.

- CHALLE, Robert, *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche*, Frédéric Deloffre et Melâhat Menemencioglu éd., Paris, Universitas ; Oxford, Voltaire Foundation, 1982.
- _____. *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche*, Frédéric Deloffre et François Moureau éd., Genève, Droz, 2000.
- COTONI, Marie-Hélène, *L'Exégèse du Nouveau Testament dans la philosophie française du XVIII^e siècle*, Oxford, The Voltaire Foundation ; Paris, Jean Touzot, 1984.
- DIFFICULTÉS sur la religion proposées au Père Malebranche* [anonyme], Roland Mortier éd., Bruxelles, Presses universitaires de Bruxelles, 1970.
- DU CHÂTELET, Émilie, *Examens de la Bible*, Bertram E. Schwarzbach éd., Paris, Honoré Champion, 2011.
- DU MARSAIS, *Examen de la religion*, Gianluca Mori éd., Oxford, Voltaire Foundation, 1998.
- ISRAEL, Jonathan, *Radical Enlightenment. Philosophy and the Making of Modernity 1650-1750*, Oxford, Oxford University Press, 2001 ; traduction française : *Les Lumières radicales. La philosophie, Spinoza et la naissance de la modernité 1650-1750*, Paris, éditions Amsterdam, 2005.
- JAFFRO, Laurent, introduction à *Les Relations franco-anglaises aux XVII^e et XVIII^e siècles* dans *La Lettre clandestine*, n° 15, 2007, p. 13-16.
- KAITARO, Timo, « La littérature philosophique clandestine dans les collections de la bibliothèque de l'Université d'Helsinki », *La Lettre clandestine*, n°2, 1993, rééd. 1999, p. 145-159.
- LANSON, Gustave, « Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750 », *Revue d'Histoire littéraire de la France*, XIX, 1912, p. 1-29, 293-317.
- LETTRE clandestine (La)*, n° 1 à 20, Paris, PUPS, 1992-2012.
- MCKENNA, Antony, *De Pascal à Voltaire. Le rôle des Pensées de Pascal dans l'histoire des idées entre 1670 et 1734*, Oxford, The Voltaire Foundation, 1990.
- _____. « Francis Hare, *Lettre sur les difficultés et découragements [...]* dans *Les Fruits de la dissension religieuse fin XV^e siècle-début XVIII^e siècles* », Michèle Clément (dir.), Presses de l'Université de Saint-Étienne, 1998, p. 85-97.
- MESLIER, Jean, *Œuvres*, édition animée et coordonnée par Roland Desné, préfaces et notes par Jean Deprun, Roland Desné, Albert Soboul, Paris, éditions Anthropos, 3 vol. 1970-1972.
- MOUREAU, François, « À l'origine du texte : le manuscrit inconnu des *Difficultés sur la religion* », *RHLF*, 1992, p. 92-104.
- SCHWARZBACH, Bertram Eugene, « Le *Commentaire sur la Bible* de Mme Du Châtelet », *De bonne main. La communication manuscrite au XVIII^e siècle*, François Moureau (dir.), Paris, Universitas ; Oxford, The Voltaire Foundation, 1993, p. 97-116

- _____. « La critique biblique dans les *Examens de la Bible* et dans certains autres traités clandestins », *La Lettre clandestine*, n° 4, 1995, p. 69-86, rééd. 1999, p. 577-612.
- TORREY, Norman L., *Voltaire and the English deists*, New Haven, Yale University Press, 1930, rééd. 1967.
- TRAITÉ des trois imposteurs. *L'esprit de Spinoza*, Françoise Charles-Daubert éd., Oxford, Voltaire Foundation, 1999.
- TRAPNELL, William, *Thomas Woolston : Madman and Deist?* Bristol, Thoemmes Press, 1994.
- _____. « Le Manuscrit “Voltaire 8° 221” de Saint-Pétersbourg », *La Philosophie clandestine à l'Âge classique*, Antony McKenna et Alain Mothu (dir), Paris, Universitas ; Oxford, Voltaire Foundation, p. 233-244.
- VERNIÈRE, Paul, *Spinoza et la pensée française avant la Révolution*, Paris, PUF, 1954, t. II, p. 367-370.
- WADE, Ira O., *Voltaire and madame Du Châtelet*. Princeton, 1941.
- _____. *The Clandestine Organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*, Princeton, Princeton University Press, 1938 ; rééd. New York, Octagon Books, 1967.
- WOOLSTON, Thomas, *Discours sur les miracles de Jésus-Christ*, s.l., dix-huitième siècle [Amsterdam, Marc-Michel Rey, 1769], 2 tomes.
- _____. *Six discours sur les miracles de Notre Sauveur. Deux traductions manuscrites du XVIII^e siècle dont une de Mme Du Châtelet*, William Trapnell éd., Paris, Honoré Champion, 2001.
- <http://aura.u-pec.fr/duchatelet/>
- <http://www.lett.unipmn.it/~mori/e-texts/extrait.htm>

NOTAS

¹ Gustave Lanson, « Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750 », *Revue d'Histoire littéraire de la France*, XIX, 1912, p. 1-29, 293-317.

² *Ibid.* p. 1.

³ *Ibid.*, p. 3.

⁴ *Ibid.*, p. 6, note 3.

⁵ *Ibid.*, p. 308.

⁶ Para mais detalhes, ver G. Artigas-Menant, « La plume et les Lumières: le manuscrit, outil de progrès », in: *Lumen*, XIX, sob a direção de Robert J. Merrett, Edmonton, Academic Printing and Publishing, 2000, p. 1-21 ; reedição in: *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*, Paris, Honoré Champion, p. 351-370.

⁷ Rudolf Brummer, *Studien zur französischen Aufklärungsliteratur im Anschluss an J. A. Naigeon*, Sprache und Kultur der germanisch-romanischen Völker, C. Romanistische Reihe, Bd XI, Breslau, 1932.

⁸ Ira O. Wade, *The Clandestine Organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*, Princeton, Princeton University Press, 1938; reedição. New York, Octagon Books, 1967.

⁹ *L'Âme matérielle* [anonyme], Alain Niderst éd., Rouen, Presses de l'Université de Rouen, 1969 ; 2^{ème} éd. revue et complétée, Paris, Honoré Champion, 2003.

¹⁰ Jean Meslier, *Œuvres*, edição coordenada por Roland Desné, prefácios e notas de Jean Deprun, Roland Desné, Albert Soboul, Paris, éditions Anthropos, 3 vol. 1970-1972.

¹¹ *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche*, Roland Mortier éd., Bruxelles, Presses universitaires de Bruxelles, 1970 (compte rendu par G. Artigas-Menant, *Revue d'Histoire littéraire de la France*, 1972, p. 515-516).

¹² *Le Matérialisme du XVIII^e siècle et la littérature clandestine*, sob a direção d'Olivier Bloch, Paris, Vrin, 1982.

¹³ Marie-Hélène Cotoni, *L'Exégèse du Nouveau Testament dans la philosophie française du XVIII^e siècle*, Oxford, The Voltaire Foundation ; Paris, Jean Touzot, 1984.

¹⁴ Antony McKenna, *De Pascal à Voltaire. Le rôle des Pensées de Pascal dans l'histoire des idées entre 1670 et 1734*, Oxford, The Voltaire Foundation, 1990 (compte rendu por G. Artigas-Menant, *Revue d'Histoire littéraire de la France*, 1992, p. 710-713) .

¹⁵ Geneviève Artigas-Menant, chapitre II « Naissance des Lumières » in: *Précis de Littérature française du XVIII^e siècle*, sob a direção de Robert Mauzi, Paris, PUF, 1990, p. 23-42.

¹⁶ Geneviève Artigas-Menant, artigo « Manuscrits philosophiques clandestins » in: *Dictionnaire universel des Littératures*, sob a direção de Béatrice Didier, Paris, PUF, 1994, t. II, p. 2226-2227.

¹⁷ *La Lettre clandestine*, publicada por UMR 8599 de Paris-Sorbonne, l'UMR 5037 de Saint-Étienne, o CHSPM de Paris I, n° 1 à 9, sob a direção de Olivier Bloch e Antony McKenna, Paris, PUPS, 1992-2000; n° 9 a 20, sob a direção de Antony McKenna, Paris, PUPS, 2001-2012.

¹⁸ *La Lettre clandestine*, ed. cit., editorial do n°1, na reedição dos números 1 a 4, 1999, p. [11]-14.

¹⁹ Miguel Benítez, « Liste et localisation des traités clandestins », in: O. Bloch (ed.), *Le Matérialisme du XVIII^e siècle et la littérature clandestine*, Paris, 1982, p. 17-25 ; « Matériaux pour un inventaire des manuscrits philosophiques clandestins des XVII^e et XVIII^e siècles », *Rivista di storia della filosofia* 43, 1988, p. 501-531 ; *La Face cachée des Lumières*, Paris, Universitas ; Oxford, Voltaire Foundation, 1996, p. 20-61 ; tradução espanhola: *La Cara oculta de las Luces*, Valencia, Biblioteca valenciana, colección ideas, 2003.

²⁰ Esta menção « provisória » pretende sublinhar, pelo simples princípio metodológico, o caráter transitório, aleatório, de toda anexação de um novo título ao *corpus* clandestino e a necessidade da comunidade científico de examiná-lo, por assim dizer a experiência. Sobre essas evoluções qualitativas, e não quantitativas, e os problemas que elas suscitam, ver Geneviève Artigas-Menant, in: *La Lettre clandestine*, n°7, 1998, introdução (Questões de problemática geral e

de epistemologia) e conclusão na mesa redonda sobre os « Limites du *corpus* des manuscrits philosophiques clandestins », p. 345-347, 397-398.

²¹ Quando Lanson limitava sua investigação às bibliotecas francesas, e essencialmente parisienses, Wade a estendia a algumas bibliotecas estrangeiras, principalmente a de Leningrado (hoje São Petersburgo) em que ele recuperou o ms. Teologia, in 4° (papier) 92 D que agora é catalogado como Fr. Q1 92.

²² Bayerische Staatsbibliothek, *cod. gall.* 887. Ver François Moureau, « À l'origine du texte: le manuscrit inconnu des *Difficultés sur la religion* », *RHLF*, 1992, p. 92-104. É o manuscrito de Munique que é o texto de base da nova edição das *Difficultés*, por Frédéric Deloffre e François Moureau ed., Genève, Droz, 2000. Ela não muda em nada o interesse da edição precedente, fundado no manuscrito Mazarine 1163: Frédéric Deloffre e Melâhat Menemencioglu ed., Paris, Universitatis; Oxford, Voltaire Fundação, 1982 (compte rendu par G. Artigas-Menant, *Revue d'Histoire littéraire de la France* 1984, p. 614-616). As comparações entre os dois textos de base são úteis e esclarecedores, ao mesmo tempo sobre a obra de Challe e sobre o fenômeno clandestino.

²³ *Traité des trois imposteurs. L'esprit de Spinoza*, Françoise Charles-Daubert éd., Oxford, Voltaire Fundação, 1999.

²⁴ Ver as estimativas in: Du Marsais, *Examen de la religion*, Gianluca Mori éd., Oxford, Voltaire Fundação, 1998, p. 84-85. Esse número leva em conta as cópias desaparecidas cuja existência é verificada.

²⁵ Timo Kaitaro, « La littérature philosophique clandestine dans les collections da bibliothèque de l'Université d'Helsinki », *La Lettre clandestine*, n°2, 1993, rééd. 1999, p. 145-159.

²⁶ Termo que utilizamos no Inventário dos manuscritos filosóficos clandestinos (ver abaixo, n. 48) para designar as partes de uma mesma compilação.

²⁷ Geneviève Artigas-Menant, « Un nouveau fonds moscovite », *La Lettre clandestine*, n°7, 1998, p. 159-166.

²⁸ *La Lettre clandestine*, n°11, 2002, p. 330-331 ; n°12, 2003, p. 493-494 ; n°13, 2004, p. 472-474 ; n°14, 2005-2006, p. 365-372 ; n°15, 2007, p. 476-490 (descrição detalhada de uma coletânea à venda antes de sua aquisição pela Biblioteca Sainte-Geneviève); n° 16, 2008, p. 460-463 ; n° 17, 2009, p. 431-432 ; n° 18, 2010, p. 514-515.

²⁹ Lanson, art. cit., p. 6. O manuscrito assim descrito se encontra na Biblioteca do Arsenal sob o n. 2091.

³⁰ Sobre as coletâneas, os indícios que elas fornecem, os problemas que elas suscitam e seu papel no progresso da pesquisa, ver Geneviève Artigas-Menant : « Questions sur les recueils de manuscrits philosophiques clandestins », in: *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*, éd. cit., p. 332-349.

³¹ *La Lettre clandestine*, éd. cit., n° 5-8, 11, 12, 17, 19; *Tendances actuelles dans la recherche sur les clandestins à l'âge classique*, n° 5, 1996; *Censure et clandestinité aux XVII^e et XVIII^e siècles*, n° 6, 1997; *L'Identification du texte clandestin aux XVII^e et XVIII^e siècles*, n° 7, 1998; *Anonymat et clandestinité aux XVII^e et XVIII^e siècles*, n° 8, 1999; *Le Clandestin et l'inédit à l'âge classique*, n° 11, 2002; *Lecteurs et collectionneurs de textes clandestins à l'âge classique*,

nº 12, 2003; *Le Délit d'opinion à l'âge classique: du colporteur au philosophe*, nº 17, 2009; *Diderot et la littérature clandestine*, nº 19, 2011.

³²Lanson, art. cit., p. 307, uma versão simplificada do *Discours* de Woolston sobre os milagres e dois excertos de Burnet; Wade, op. cit., p. 11: *Discours sur la liberté de penser* [Collins], *Discours sur les miracles de Jésus-Christ* [Woolston]; p. 13: *Extrait de la théorie sacrée [...]* de Th. Burnet, *Extrait de l'ouvrage intitulé Doutes ou objections de Th. Burnet [...]*; p. 14: *Infailibilité du jugement humain [...]* par M. Lyons, *La Constitution primitive de l'Église* [Toland]; p. 15: *Le Nazaréen* [Toland]; p. 16: *Méditations philosophiques sur Dieu, le monde et l'homme* [Th. L. Lau] (em francês apenas); p. 17: *Pantheisticon*, [Toland], *Pensées libres sur la religion* [Mandeville].

³³Miguel Benítez, art. cit. (ci-dessus n. 19) e *La Face cachée des Lumières*, op. cit., p. 22-54. Encontra-se aí principalmente obras ou *extraits* de Bodin, Bruno, Burnet, Herbert de Cherbury, Lau, Lessing, Postel, Reimarus, Servet, Stosch, Tindal, Toland, Vanini, bem como as versões espanhola, hebraica, portuguesa da *Explication du 53^e chapitre d'Isaïe* d'Orobio de Castro e uma tradução alemã do *Mémoire* de Meslier.

³⁴Miguel Benítez, *La Cara Oculta de Las Luces*, op.cit., p. 33-71. Assinalaremos por exemplo a *Professione di fede* de Pietro Giannone (1676-1748), e, da mesma forma, *Il Triregno*, bem como uma tradução italiana do *Discours sur les miracles de Jésus-Christ* de Woolston.

³⁵ Wade (op.cit., p. 11) omite B. N., f. fr. 13224 que Lanson assinala (art. cit., p. 307). Ele menciona a Biblioteca municipal (BM) de Caen ms. 46(379 In 4º 23), Mazarine 1199, Rouen 1549, e no apêndice (p. 320): Biblioteca pública de Leningrado, ms in-4º tendo pertencido a Voltaire (consequência do *Examen de la religion chrétienne*). Ver a localização in: M. Benítez, *La Face cachée des Lumières* (op. cit. p. 32): Saint-Pétersbourg, Biblioteca nacional de Rússia (RNB) Voltaire Oct. 221.

³⁶ Sobre esta « categoria em grande parte factícia », ver *Les Relations franco-anglaises aux XVII^e et XVIII^e siècles* in: *La Lettre clandestine*, nº 15, 2007, *passim*, e principalmente Laurent Jaffro, p. 14. Ver também Jonathan Israel, *Radical Enlightenment. Philosophy and the Making of Modernity 1650-1750*, Oxford, Oxford University Press, 2001; tradução francesa: *Les Lumières radicales. La philosophie, Spinoza et la naissance de la modernité 1650-1750*, Paris, éditions Amsterdam, 2005, capítulo XXXVI, p. 763.

³⁷ Ver Geneviève Artigas-Menant, *Du secret des clandestins*, op. cit., p. 369.

³⁸ *Discours, über die Wunderwerke Unsers Heýlandes, in Ausehung der gegenwärtigen Streitigkeiten Zwischen den Unglaubigen, und Apostatis, durch Thomas Woolston, vormhls des Sidneyischen Collegii in Cambridge, Socium, die 3^{te} Edição London, Sumptibus Autoris 1727. Nostrum est tantas componere lites*, Biblioteca da Universidade de Helsinki, C^o I 20. in 4º, ver Timo Kaitaro, *La Lettre clandestine* nº2, 1993 (nºs 1 à 4, 1999, p. 150); Miguel Benítez, *La Face cachée des Lumières*, op. cit., p. 32.

³⁹ *Discorso di Woolston. Sesto discorso sopra li miracoli del Salvatore*. Venise-Museo Correr ms. Correr 1112, M. Benítez, *La Cara Oculta de las Luces*, *op.cit.*, p. 46.

⁴⁰ Lanson, art. cit., p. 1.

⁴¹ In: *La Face cachée des Lumières* (*op. cit.* p. 32) Miguel Benítez conta três, mais que Wade e Lanson juntos: duas versões integrais: Munique, Bayerische Staatsbibliothek Gall.795, coleção particular: J. Vercruyse; um excerto, que Wade não assinala mas que se encontra no volume III (f° 83-189 v) do manuscrito integral da B M de Caen 46 (Quarto 23) que ele tinha repertoriado.

⁴² Thomas Woolston, *Discours sur les miracles de Jésus-Christ*, s.l., dix-huitième siècle [Amsterdam, Marc-Michel Rey, 1769], 2 tomes.

⁴³ Norman L. Torrey, *Voltaire and the English deists*, New Haven, Yale University Press, 1930, rééd. 1967; Ira O. Wade, *Voltaire and madame Du Châtelet*, Princeton, 1941, p. 213-226; Marie-Hélène Cotoni, *L'Exégèse du Nouveau Testament dans la philosophie française du dix-huitième siècle*, Oxford, The Voltaire Foundation, 1984, p. 114-116, 151-160, 171 e *passim*.

⁴⁴ Marie-Hélène Cotoni, *op. cit.*, p. 71.

⁴⁵ Émilie Du Châtelet (1706-1749), escritora das humanas e das ciências, autora do comentário e da tradução (1759) dos *Principia mathematica* de Newton, iniciou seu amigo Voltaire na ciência moderna e partilhou o interesse pela crítica da Bíblia. <http://aura.u-pec.fr/duchatelet/>. Ver meu artigo em *Dictionnaire des Femmes des Lumières*, dir. Valérie André e Huguette Krief, Paris, Champion, 2012.

⁴⁶ Manuscritos sem títulos, conhecidos também pelo nome de *Commentaire sur la Bible* (M. Benítez, *La Face cachée[...]*, *op.cit.*, p. 27, n°28) B.M. de Troyes ms 2376-2377 ; Bibliothèque Royale de Bruxelles ; coleção particular. Sabe-se que Bertram E. Schwarzbach brevemente contestou a atribuição desse manuscrito (« Une légende en quête d'un manuscrit: *Le Commentaire sur la Bible* de Mme Du Châtelet », *De bonne main. La communication manuscrite au XVIII^e siècle*, François Moureau (dir.), Paris, Universitas ; Oxford, The Voltaire Foundation, 1993, p. 97-116) mas ele é totalmente refeito desta reticência (« La critique biblique dans les *Examens de la Bible* e dans certains autres traités clandestins », *La Lettre clandestine*, n° 4, 1995, p. 69-86, rééd. 1999, p. 577-612). Du Châtelet, Émilie, *Examens de la Bible*, Bertram E. Schwarzbach éd., Paris Honoré Champion, 2011.

⁴⁷ William Trapnell, *Thomas Woolston: Madman and Deist?* Bristol, Thoemmes Press, 1994 (ver principalmente as p. 169-183). Ver acima, n. 31. O excerto se encontra na sequência do *Examen de la religion* em 15 capítulos e de *Remarques critiques sur la Genèse et l'Exode*.

⁴⁸ William Trapnell, « Le Manuscrit “Voltaire 8° 221” de Saint-Petersbourg », in: *La Philosophie clandestine à l'Âge classique*, textos coletados e publicados por Antony McKenna e Alain Mothu, Paris, Universitas; Oxford, Voltaire Foundation, p. 233-244. Thomas Woolston, *Six discours sur les miracles de Notre Sauveur. Deux traductions manuscrites du XVIII^e siècle dont une de Mme Du*

Châtelet, William Trapnell éd., Paris, Honoré Champion, 2001. Ver também <http://www.lett.unipmn.it/~mori/e-texts/extrait.htm>.

⁴⁹ William Trapnell, art.cit., p. 235.

⁵⁰ William Trapnell, art.cit., p. 237-244, e *Thomas Woolston[...]*, op.cit., p. 172-173.

⁵¹ Projeto definido em Milão em 1986, o Inventário dos manuscritos filosóficos clandestinos é a empresa de recenseamento, de análise e de descrição sistemática dos manuscritos filosóficos clandestinos segundo um protocolo preciso. Ele foi realizado em Paris, no seio da UMR 8599 du CNRS Paris-Sorbonne, por uma equipe que Olivier Bloch fundou em 1987. Além do país, da cidade, da biblioteca, que são conhecidos desde o início da enquete, é preciso se informar sobre seu contexto imediato. É preciso primeiramente coletar todas as informações que os catálogos, impressos ou manuscritos, podem fornecer, depois de examinar o próprio manuscrito. Pertence a uma coletânea, uma coleção, um acervo especial? Em cada um desses casos, trata-se unicamente de manuscritos ou ele está misturado com os impressos? Se a ocasião se apresentar, os outros textos da coletânea, da coleção, ou do campo são da mesma língua, ou das várias línguas próximas? Quais? As diferentes peças da coletânea, ou da coleção são da mesma escritura? O manuscrito foi escrito por uma única pessoa do começo ao fim? O manuscrito exhibe na capa, as páginas do título, ou as outras indicações? Marcas de proveniência, de propriedade, *ex libris*, data(s)? A encadernação, ou a brochura, permitem datá-lo?

⁵² Art.cit., p. 147-150. Sobre a coleção de manuscritos filosóficos clandestinos do barão von Korff, ver Antony McKenna, « Francis Hare, *Lettre sur les difficultés et découragements [...]* », *Les Fruits de la dissension religieuse fin XV^e siècle-début XVIII^e siècles*, Michèle Clément (dir.), Presses de l'Université de Saint-Étienne, 1998, p. 85-97. Observa-se que há uma tradução francesa do *Discours* de Woolston na Bayerische Staatsbibliothek de Munich (Gall. 795).

⁵³ Helsinki, Bibliothèque de l'Université, C^o I 21. Coletânea contendo: 1) *Discours, über die Wunderwerke unsers Heylandes, in Ansehung der gegenwärtigen Streitigkeiten zwischen den Unglaublichen, und Apostatis, durch Thomas Woolston, vormahls des Sidneyschen Collegii in Cambridge, Socium, die 3^e Edition London, Sumptibus Autoris 1727. Nostrum est tantas componere lites*. 2) *Cinq lettres Françaises sur diverses [sic] sujets touchants la philosophie*. 3) *Le Christianisme sans mysteres, ou Traité ou l'on fait voir qu'il n'y a rien dans l'Evangile, qui soit ou contra ire à la raison, ou au dessus d'elle, et qu'aucun dogme chrétien ne se peut proprement appeller mystère ; par Jean Toland à Londres. 1702*.

⁵⁴ Olivier Bloch, editorial, *La Lettre clandestine*, n^o 16, 2008, p. 7-9.

⁵⁵ Jonathan Israel, op.cit., trad. francesa, capítulo XXXVI, p. 757-777. Aproximar-nos-emos utilmente do capítulo XXXII « Le roman spinoziste français », p. 657-665; cf. sobre Veiras e Tyssot de Patot Geneviève Artigas-Menant, *Lumières clandestines. Les papiers de Thomas Pichon*, Paris, Champion, 2001, p. 307-310.

⁵⁶ Lanson, art.cit., p. 2-3, sou eu que sublinho. Cf Jonathan Israel, *op.cit.*, p. 31 : « É urgente que os historiadores do Iluminismo se preocupem um pouco mais daquilo que ocorreu antes dos anos 1740. Na verdade, inúmeros argumentos permitem afirmar que, desde os meados do século XVIII, as evoluções mais importantes eram já alcançadas. Para os que são do Iluminismo radical, não há dúvida de que elas tenham nascido e que não há dúvida de que elas sejam nascidas e que elas amadureceram em menos de um século, para culminar por volta de 1740 ». É o que já afirmava, em 1912, Gustave Lanson.

⁵⁷ Jonathan Israel, *op.cit.*, p. 762 ; sobre as avaliações quantitativas, cf. acima, p. 54-56.

⁵⁸ *Ibid.*, p 761-763 : 1) textos do Renascimento, 2) textos de origem judia, 3) textos de inspiração deísta (o autor não emprega o termo mas ele compara esses manuscritos « às margens do Iluminismo radical, até mesmo exteriores a elas » às *Difficultés sur la religion proposées au père Malebranche* « que afirmam a existência da Providência como força sobrenatural, encorajando o culto de Deus e defendendo a separação do corpo e da alma bem como a liberdade da vontade »), 4) textos inspirados pelos deístas ingleses.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 763-764 : « o onipresente *Traité des trois imposteurs* (ou *L'Esprit de Spinoza*) », *l'Essai de métaphysique* e *l'Abrégé de l'histoire universelle* de Boulainvilliers, *l'Exposition du système de Benoît de Spinoza...* e « um grupo de traduções francesas da *Éthique* de Espinosa que circulavam sob a forma de excertos ou de textos completos manuscritos ».

⁶⁰ *Ibid.*, p. 764: *Symbolum sapientiae, Opinions des Anciens sur la nature de l'âme, La Religion chrétienne analysée.*

⁶¹ *Ibid.*, p. 765-766: *Examen de la religion, Le Philosophe, De l'examen de la religion.*

⁶² Dumarsais, *l'Examen de la religion*, éd. cit., p. 372. Ver Geneviève Artigas-Menant, « Du manuscrit clandestin à l'imprimé subversif: questions de réception », introdução de *Lecteurs et collectionneurs de textes clandestins à l'Âge classique, La Lettre clandestine*, n°12, 2003, p. 13-22 e « Variations manuscrites clandestines », in: *Séries et variations*, Paris, PUPS, 2010, p. 161-171.

⁶³ Jonathan Israel, *op.cit.*, p. 763.

⁶⁴ Para uma análise detalhada da diferença entre as versões simplificadas dos manuscritos (1192 e 1197) e o manuscrito integral (1163) mantidos na Biblioteca Mazarine, ver *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebrannche* [anonyme], Roland Mortier éd., Bruxelles, Presses Universitaires de Bruxelles, 1970, p. 23-26. Ver também, principalmente para a datação da versão simplificada 1192, Geneviève Artigas-Menant, *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*, *op. cit.*, p. 332-349, e « *Difficultés* de poche. Challe contaminé ou “chef de parti”? », in: *Robert Challe: sources et héritages*, estudos coletados e apresentados por Jacques Cormier, Jan Herman, Paul Pelckmans, Louvain- Paris-Dudley, MA, Peeters, 2003, p. 279-289.

⁶⁵ Robert Challe, *Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche*, Frédéric Deloffre e Mélâhat Menemencioglu éd., Oxford, Voltaire Fundação, 1982, p. 273.

⁶⁶*Ibid.*, p. 270.

⁶⁷Jonathan Israel, *op. cit.*, p. 764-765. Todas essas citações do comentário sobre os textos da primeira categoria de manuscritos clandestinos, abertamente espinosianos ou inspirados em Spinoza, poderiam ser aplicadas ao pé da letra às *Difficultés sur la religion*. Isso não prova em nada que o tratado de Challe é espinosiano, mas que ele é « radical » em sua crítica das religiões reveladas.

⁶⁸Lanson, art. cit., p. 13 ; Paul Vernière, *Spinoza et la pensée française avant la Révolution*, Paris, PUF, 1954, t. II, p. 367-370 ; Jean Deprun, « Meslier philosophe », dans *Œuvres de Jean Meslier*, Jean Deprun, Roland Desné, Albert Soboul éd., Paris, éditions Anthropos, t. I, 1970, p. LXXXVI-LXXXVII.

⁶⁹Jonathan Israel, *op. cit.*, p. 22-23.

⁷⁰Ver sobre esse assunto in: *La Lettre clandestine* n°17, 2009, os *comptes rendus* de Alain Mothu, p. 363-366, e de Geneviève Artigas-Menant, p. 366-367.

⁷¹<http://www.vc.unipmn.it/~mori/e-texts/>